

REFLEXÕES DO COMANDANTE-EM-CHEFE SOBRE A VISITA DE LULA

(Primeira Parte)

De forma espontânea decidi visitar Cuba pela segunda vez como Presidente do Brasil, embora a minha saúde não lhe garantisse um encontro comigo.

Antes, como ele próprio disse, visitava a Ilha quase todos os anos. Conheci-o por ocasião do primeiro aniversário da Revolução Sandinista na casa de Sérgio Ramírez, naquele momento vice-presidente do país. Aproveito para dizer que este último, de certa forma, me enganou. Quando li seu livro "Castigo Divino" (excelente narrativa), acabei acreditando que se tratava de um caso real acontecido na Nicarágua, com todos os enredos legais comuns nas antigas colônias espanholas; ele próprio contou-me um dia que era pura ficção.

Também me encontrei ali com Frei Betto, hoje crítico, embora não inimigo, de Lula, e com o Padre Ernesto Cardenal, militante sandinista de esquerda e atual adversário de Daniel. Os dois escritores eram oriundos da Teologia da Libertação, uma corrente progressista, que sempre consideramos como um grande passo rumo a unidade dos revolucionários e dos pobres, para além de sua filosofia e de suas crenças, ajustada às condições concretas de luta na América Latina e no Caribe.

Confesso, contudo, que via no Padre Ernesto Cardenal, à diferença de outros dirigentes da Nicarágua, um exemplo de sacrifício e privações, tal qual um monge da Idade Média. Era um verdadeiro protótipo de pureza. Deixo de lado outros que, menos conseqüentes, alguma vez foram revolucionários, inclusive militantes de extrema-esquerda na América Central e em outros lugares, mas que depois passaram, com armas e bagagens para as fileiras do império, levados pela ambição do bem-estar e do dinheiro.

O que tem a ver o relatado com Lula? Muito. Nunca foi um extremista de esquerda, nem ascendeu à condição de revolucionário a partir de posições filosóficas, mas sim das de um operário de origem bem humilde e de fé cristã, que trabalhou duramente, criando mais-valia para outros. Karl Marx via nos operários os coveiros do sistema capitalista: "Proletários de todos os países, uni-vos", proclamou. Pensa e demonstra isso com lógica irrefutável; compraz-se e zomba dos outros demonstrando quão cínicas eram as mentiras empregadas para acusar os comunistas. Se as idéias de Marx na época eram justas, quando tudo parecia depender da luta de classes e do desenvolvimento das forças produtivas, da ciência e da técnica, que desse sustentação à criação de bens indispensáveis para satisfazer as necessidades humanas, há fatores absolutamente novos que lhe dão razão mas, ao mesmo tempo, se chocam com seus objetivos nobres.

Surgiram novas necessidades que podem dificultar que se alcance os objetivos de uma sociedade sem exploradores nem explorados. Entre estas novas necessidades está a da sobrevivência humana. Nos tempos de Marx sequer se cogitava sobre mudanças no clima. Engels e ele sabiam muito bem que um dia o Sol se apagaria ao se consumir toda a sua energia. Poucos anos depois do manifesto, nasceram outros homens que se aprofundariam no campo da ciência e dos conhecimentos das leis químicas, físicas e biológicas que regem o Universo, desconhecidas naquela época. Nas mãos de quem estariam esses conhecimentos? Mesmo que eles continuassem se desenvolvendo, e, inclusive, se superando, e que mais uma vez sejam negadas e contestadas em parte as suas teorias, os novos conhecimentos não estão nas mãos dos povos pobres, que representam, atualmente, três quartas partes da população mundial. Estão nas mãos de um grupo privilegiado de potências capitalistas ricas e desenvolvidas, associadas ao império mais poderoso que já existiu, construído sobre as bases de uma economia globalizada, regida pelas próprias leis do capitalismo que Marx descreveu e esmiuçou a fundo.

Hoje, quando a humanidade ainda sofre com esses fatos, em virtude da própria dialética dos acontecimentos, devemos encarar esses perigos.

Como se comportou o processo da revolução em Cuba? Nas últimas semanas, escreveu-se bastante na nossa imprensa sobre diferentes episódios daquela etapa. Rende-se homenagem a diferentes datas históricas nos dias que correspondem aos aniversários redondos de cinco ou dez anos. Isso é justo, mas devemos evitar que, na soma de tantos fatos descritos por cada órgão ou espaço, segundo seus critérios, não sejamos capazes de vê-los no contexto do desenvolvimento histórico da nossa Revolução, apesar dos esforços dos analistas magníficos de que dispomos.

Para mim, unidade significa compartilhar o combate, os riscos, os sacrifícios, os objetivos, as idéias, conceitos e estratégias, aos quais se chega mediante debates e análises. Unidade significa a luta comum contra anexionistas, vende-pátrias e corruptos que não têm nada a ver com um militante revolucionário. É a essa unidade, em torno da idéia da independência e contra o império que avançava sobre os povos da América, que sempre fiz referência. Há alguns dias voltei a lê-la, quando o Granma publicou-a na véspera de nossas eleições e o Juventude Rebelde reproduziu um fac-símile do meu próprio punho sobre o assunto.

O velho slogan pré-revolucionário de unidade não tem nada a ver com o conceito, visto que em nosso país não existem hoje organizações políticas em busca do poder. Devemos evitar que, em meio ao oceano de critérios táticos, se diluam as linhas estratégicas e imaginemos situações inexistentes.

Em um país que sofreu a intervenção dos Estados Unidos da América em meio à sua luta solitária pela independência, como a última colônia espanhola que, junto com a irmã Porto Rico, era conhecida como "pássaro de duas asas", os sentimentos nacionais eram muito profundos.

Os verdadeiros produtores de açúcar, os escravos recém-libertados e os camponeses, muitos deles combatentes do Exército Libertador, convertidos em posseiros ou totalmente sem terras, lançados no trabalho de corte de cana em grandes latifúndios criados por companhias dos Estados Unidos ou latifundiários cubanos que herdavam, compravam ou roubavam terras, eram matéria-prima propícia para as idéias revolucionárias.

Julio Antonio Mella, fundador do Partido Comunista junto com Baliño, que conheceu Martí e com ele criou o Partido que conduziria à independência de Cuba, assumiu essa bandeira, juntou a ela o entusiasmo que explodira com a Revolução de Outubro e entregou à causa seu próprio sangue de jovem intelectual conquistado pelas idéias revolucionárias. O sangue comunista de Jesús Menéndez juntou-se ao de Mella 18 anos depois.

Os adolescentes e jovens que estudávamos em escolas privadas sequer ouvíamos falar de Mella. A nossa procedência de uma classe ou grupo social com renda mais alta do que do resto da população, condenava-nos, como seres humanos, a ser a parte egoísta e exploradora da sociedade.

Tive o privilégio de chegar à Revolução através das idéias, de fugir do triste destino a que me conduzia a vida. Já expliquei o porquê em outras ocasiões. Recordo tudo isso agora apenas no contexto do que estou escrevendo.

O ódio a Batista pela repressão e por seus crimes era tão grande, que ninguém reparou nas idéias que expressei durante a minha defesa perante o Tribunal de Santiago de Cuba, onde um livro de Lênin, impresso na URSS e conseguido através do crédito de que desfrutava na livraria do Partido Socialista Popular Carlos III, em Havana, fora encontrado entre os pertences dos combatentes. "Quem não lê Lenin é um ignorante", disse-lhes em meio ao interrogatório, nas primeiras sessões do julgamento, quando a obra foi citada como elemento acusatório. Estava sendo julgado junto com outros sobreviventes presos.

Para compreender bem minhas palavras é preciso levar em conta o fato de que, no momento em que atacamos o (quartel) Moncada, no dia 26 de Julho de 1953, ação que foi o resultado final dos esforços organizativos de mais de um ano, sem que contássemos com alguém além de nós mesmos, prevalecia na URSS a política de Stalin, falecido repentinamente meses antes. Foi um militante honesto e consagrado, que, mais tarde, cometeu erros graves que o levaram a posições extremamente conservadoras e cautelosas. Se uma revolução como a nossa tivesse tido êxito já naquela época, a URSS não teria feito por Cuba o que fizeram mais tarde os novos dirigentes soviéticos, livres daqueles métodos obscuros e tortuosos, entusiasmados com a revolução socialista que irrompera em nosso país. Compreendi bem tudo isso, apesar das críticas justas, baseadas em fatos bastante conhecidos, que fiz a Krushev.

A URSS possuía o exército mais poderoso de todos os países beligerantes da Segunda Guerra Mundial, só que havia sofrido expurgos e estava desmobilizado. Seu chefe subestimou as ameaças e as teorias belicistas de Hitler. Da própria capital do Japão, um importante agente da Inteligência soviética avisara-os sobre a iminência do ataque, no dia 22 de Junho de 1941. Esse ataque pegou de surpresa a URSS, no momento em que não havia estado de prontidão. Muitos oficiais estavam de folga. Mesmo sem os chefes de unidades mais experientes, que foram substituídos, caso as tropas soviéticas tivessem sido alertadas e mobilizadas, os nazistas teriam se chocado com forças poderosas desde o primeiro instante e não teriam destruído em terra a maior parte da aviação de combate soviética. Pior do que o

expurgo foi a surpresa. Os soldados soviéticos não se rendiam quando eram informados sobre a presença de tanques inimigos na retaguarda, como o faziam os demais exércitos da Europa capitalista. Nos momentos mais críticos, com um frio abaixo de zero, os patriotas da Sibéria puseram para funcionar os tornos das fábricas de armamentos que Stalin havia trasladado para o interior do território soviético.

Segundo me contaram os próprios dirigentes da URSS, quando visitei aquele grande país em abril de 1963, os combatentes revolucionários russos, forjados na luta contra a intervenção estrangeira, quando foram enviadas tropas para combater a revolução bolchevique, deixando-a posteriormente bloqueada e isolada, tinham estabelecido relações e trocado experiências com oficiais alemães, de tradição militarista prussiana, humilhados pelo Tratado de Versalhes, que pôs fim à Primeira Guerra Mundial.

Os serviços de Inteligência das SS teceram intrigas contra muitos daqueles que permaneceram leais à Revolução. Levado por uma desconfiança que se tornou doentia, Stalin expurgou 3 dos 5 Marechais, 13 dos 15 Comandantes do Exército, 8 dos 9 Almirantes, 50 dos 57 Generais de Corpos do Exército, 154 dos 186 Generais de Divisão, cem por cento dos Comissários do Exército e 25 dos 28 Comissários de Corpos do Exército da União Soviética, nos anos que precederam a Grande Guerra Pátria.

Esses graves erros custaram à URSS uma enorme destruição e mais de 20 milhões de vidas; há quem diga que foram 27 milhões.

Em 1943, os nazistas desencadearam, já com atraso, a última ofensiva da primavera, o famoso assalto de Kursk, com 900 mil soldados, 2700 tanques e 2000 aviões. Os soviéticos, conhecedores da psicologia inimiga, aguardavam o ataque naquela armadilha com um milhão e 200 mil homens, 3300 tanques, 2400 aviões e 20000 peças de artilharia. Chefiados por Zhukov e pelo próprio Stalin, destroçaram a última ofensiva de Hitler.

Em 1945, os soldados soviéticos avançaram imbatíveis, até tomar a cúpula da Chancelaria alemã em Berlim, onde içaram a bandeira vermelha, tingida com o sangue de tantos combatentes mortos.

Observo por um momento a gravata vermelha de Lula e pergunto: Foi um presente do Chávez? Ele sorri e responde: " Vou mandar para ele algumas camisas, já que se queixa de que o colarinho das suas é muito duro. Vou procurar algumas na Bahia para lhe dar de presente". Lula pediu-me que lhe desse algumas das fotos que fiz.

Quando comentou que estava muito impressionado com a minha saúde, respondi que me dedicava a pensar e escrever. Nunca havia pensado tanto em minha vida. Contei que, concluída a minha visita a Córdoba, na Argentina, onde assistira a uma reunião com numerosos líderes, entre os quais ele, participei, ao regressar a Cuba, de dois comícios pelo Aniversário do 26 de Julho.

Quando recebi Lula, estava revisando o livro de Ramonet* e já respondera a todas as suas perguntas. Lula não levava isso muito a sério. Achava que seria tudo muito rápido, como as entrevistas de Frei Betto e Tomás Borge. Depois do nosso encontro, tornei-me escravo do livro do escritor francês, quase ao ponto de o mesmo ser publicado sem a minha revisão, com parte das respostas colocadas ao acaso. Naqueles dias quase não dormi.

Quando adoeci gravemente na noite de 26 e na madrugada de 27 de Julho, pensei que seria o fim e, enquanto os médicos lutavam pela minha vida, o chefe do gabinete do Conselho de Estado, por exigência minha, lia o texto e eu ditava as mudanças pertinentes.

Fidel Castro Ruz

22 de Janeiro de 2008

* Ignacio Ramonet – autor da biografia sobre Fidel "Entrevista a duas vezes".